

RELIGIÃO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO SÍRIO

Religion and Identity Construction in the Syrian Migratory Context

Jesner Esequiel Santos¹
Suzana Ramos Coutinho²

RESUMO

Perguntas sobre o papel da religião em contexto migratório revelam respostas que aprofundam e ampliam a compreensão da migração humana. Estas possíveis explicações demonstram que a religião pode ser fundamental para a migração em variados níveis e espaços. Os processos migratórios são fenômenos de natureza complexa, e as inúmeras maneiras em que religião e migração se cruzam nos permite examinar simultaneamente os papéis que a religião desempenha na formação de padrões e experiências migratórias, e, igualmente, reconhecer a maleabilidade das tradições e práticas religiosas nos processos de mobilidade. Partindo destas múltiplas abordagens, nos utilizamos da perspectiva teórica de autores e autoras para trazer luz ao debate aqui exposto, que se propõe pensar possíveis relações entre religião e identidade no contexto migratório utilizando como referência a guerra na Síria.

Palavras-chave: Migração; Fluxos Migratórios; Síria; Identidade.

ABSTRACT

Questions about the role of religion in a migratory context reveal answers that deepen and broaden the understanding of human migration. These possible explanations demonstrate that religion can be fundamental to migration at different levels and spaces. Migratory processes are phenomena of a complex nature, and the myriad ways in which religion and migration intersect allow us to simultaneously examine the roles that religion plays in shaping migratory patterns and experiences, and, equally, to recognize the malleability of religious traditions and practices. in mobility processes. Based on these multiple approaches, we use the theoretical perspective of authors to bring light to the debate presented here, which proposes to think about possible relationships between religion and identity in the migratory context using the war in Syria as a reference.

Keywords: Migration; Migratory flows; Syria; Identity.

¹ Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É membro do grupo de pesquisa do Centro de Estudos Interdisciplinares sobre Migração e Imagem (Mackenzie). E-mail para contato: jesner.eds@gmail.com.

² Pós-doutora pela University of Cambridge (2013), Ph.D. pela Lancaster University, Inglaterra (2009), possui mestrado em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (2004) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina (2000). É professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC/São Paulo e professora Assistente Doutor I da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da mesma. E-mail para contato: srcoutinho@pucsp.br.

Introdução

O debate acadêmico atual sobre o tema da migração é amplo e muito variado. São estudos que investigam desde o impacto econômico e cultural da migração (ECKSTEIN E NAJAM, 2013), passando pela discussão sobre fronteiras e limites políticos (DE GENOVA, 2017), direitos humanos (GAMMELTOFT-HANSEN, 2017), gênero (YUCESAHIN E YAZGAN, 2017) e também a relação entre migração e religião (CONNOR, 2014), para citar apenas alguns. Partindo destas múltiplas abordagens, nos utilizamos da perspectiva teórica de autores e autoras para trazer luz ao debate aqui exposto, que se propõe pensar possíveis relações entre religião e identidade no contexto migratório utilizando como referência a guerra na Síria. A complexidade dos deslocamentos neste contexto específico de guerra nos encaminha à necessidade de conceituação da mobilidade síria após o início da guerra em 2011, entendendo que esta complexidade vai muito além das definições formais utilizadas pelos órgãos internacionais. Para um entendimento mais preciso do debate, estruturamos a discussão apresentando primeiramente uma breve contextualização sobre o conflito na Síria, oferecendo uma abordagem histórica até a atualidade. Esta contextualização sociopolítica serve aqui como pano de fundo para discutirmos não somente categorias migratórias genéricas, mas para melhor auxiliar o entendimento sobre pessoas, movimentos e a demanda por novas categorias e reflexões que ultrapassam as perspectivas já estabelecidas para o entendimento do papel da religião neste processo. E, ao final, discutiremos como esta cena específica – que está em movimento, se transformando continuamente – é útil para pensarmos novas perspectivas entre religião e migração.

Perguntas sobre o papel da religião em contexto migratório revelam respostas que aprofundam e ampliam a compreensão da migração humana. Estas possíveis explicações demonstram que a religião pode ser fundamental para a migração em variados níveis e espaços: desde as práticas individuais, familiares e comunitárias dos migrantes, até os contextos sociais e políticos que caracterizam os locais de origem, trânsito e destino. Dados demográficos (SANDERS, FIDDIAN-QASMIYEH E SNYDER, 2016, p. 7) mostram que as minorias religiosas são mais propensas a migrar, e as identidades religiosas podem moldar as experiências dos

migrantes de interagir com as populações locais em locais de recebimento. Apesar dessas dinâmicas múltiplas, pesquisadores e pesquisadoras muitas vezes negligenciam as interseções da religião e da mobilidade humana devido a preconceitos muitas vezes seculares. Como os estudiosos da religião há muito sabem, no entanto, para as pessoas que habitam uma tradição religiosa, todos os aspectos da vida podem estar ligados a algo além do mundo mensurável, algo que pode ser chamado de “sagrado” (SANDERS, FIDDIAN-QASMIYEH E SNYDER, 2016, p. 9). É este “sagrado” que motiva muitas pessoas a agirem, sentirem e pensarem de certas maneiras que nem sempre são compreensíveis para quem está de fora. Pode ter sido, talvez, o ceticismo acadêmico ou mesmo a rejeição do “sagrado” que até recentemente escanteou a religião dentro dos estudos migratórios.

Reconhecendo a relevância da religião (especialmente desde meados de 2000), estudiosos da migração examinaram as interseções entre religião e migração de perspectivas teóricas, metodológicas e religiosas díspares, embora, em termos disciplinares, este subcampo tenha sido indiscutivelmente dominado pelas ciências sociais (LEVITT, 2007). Por sua vez, estudiosos da religião, teólogos e especialistas também exploraram em números crescentes as múltiplas conexões entre religião e migração. Argumentamos em discussão anterior (COUTINHO, 2022) que, ao centralizar a importância da religião, não pretende-se aqui reificar a religião, nem argumentar que a religião é o único, ou mesmo necessariamente o mais importante, fator que sustenta experiências ou respostas à migração. “Em vez disso, explorando as maneiras pelas quais a identidade religiosa, crença e prática se cruzam, por exemplo, com raça, etnia, gênero e sexualidade ao longo de diversos processos de migração, compartilho da perspectiva de Saunders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder (2016), quando argumentam que é útil investigar os processos migratórios com a religião no centro da discussão.” (COUTINHO, 2022, p.13).

Perspectivas teóricas

Neste contexto de discussão, consideramos que as categorias tempo e espaço são necessárias para o entendimento do fenômeno proposto. Embora seja importante estudar diásporas dentro de seu contexto cultural, não devemos esquecer que seus contextos espaciais (físicos e temporais) são igualmente importantes. Do mesmo modo, as diásporas são moldadas e definidas não apenas por suas conexões físicas ou imaginárias com suas terras natais, mas também pelos

períodos históricos em que ocorrem. Compreendendo essa complexidade, especialistas como Glick Schiller (2010) consideram os modelos de migração transnacional uma alternativa aos modelos clássicos de assimilação, dado que os migrantes frequentemente mantêm laços ativos com suas antigas pátrias. Enquanto alguns pesquisadores preferem concentrar suas análises na integração e aculturação de migrantes, outros adotaram e aplicaram o termo transmigrante em suas análises de pessoas cujas vidas diárias e identidades públicas dependem de interconexões ativas e contínuas entre fronteiras em vários níveis e, em alguns casos, através de gerações. Toda essa teorização ignorou em grande parte o alcance transnacional e a importância da religião nas vidas dos migrantes nesses vários campos e espaços sociais (GLICK SCHILLER, 2010, p. 111)

No entanto, é essencial não ver a religião apenas através de lentes instrumentalistas. Pois embora as práticas e perspectivas religiosas afetem claramente a experiência da migração, é nosso objetivo compreender melhor toda a gama de maneiras pelas quais a migração e a religião se cruzam, incluindo as maneiras pelas quais o sagrado, o ritual, a crença, a identidade e a comunidade moldam e são moldados pela migração. De fato, o suporte que a religião e a espiritualidade podem oferecer deve ser visto em conjunto com as complexidades que vários contextos acrescentam à equação religião e migração.

Seguindo a trilha proposta por Saunders, Fiddian-Qasmiyeh e Snyder (2016), julgamos importante destacar a relevância do conceito de interseccionalidade, que pode nos ajudar compreender melhor as nuances das experiências de migração vividas pelos migrantes e as formas pelas quais eles interagem e são afetados por diversas burocracias, instituições e atores sociais ao longo de suas jornadas de migração. A interseccionalidade como conceito e estrutura analítica surgiu nos anos 1980 e início dos anos 1990 como um meio de explorar e explicar as experiências sobrepostas de opressão e marginalização enfrentadas por mulheres afro-americanas em virtude de sua raça e gênero em uma sociedade caracterizada por racismo institucionalizado e patriarcado. Embora nem a religião nem a migração tenham sido abertamente priorizadas nessa estrutura feminista e antirracista, uma conceituação mais ampla de interseccionalidade tem sido cada vez mais aplicada por acadêmicos que trabalham em uma ampla gama de disciplinas e contextos sociais, inclusive dentro do campo multidisciplinar de estudos de migração. Tem, aliás, permitido aos estudiosos explorar as formas pelas quais as experiências e representações de, e respostas a, “refugiados e migrantes são enquadrados e constituídos de acordo com raça e gênero, mas também muitos outros aspectos que se cruzam e se sobrepõem, incluindo seus status feminino e migratório,

religião, classe, orientação sexual, identidade de gênero e idade.” (SANDERS, FIDDIAN-QASMIYEH E SNYDER, 2016, p. vii).

Essas análises destacaram até que ponto o significado relativo desses marcadores de identidade – autoatribuídos ou impostos – e as estruturas de poder relacionadas mudam no tempo e no espaço; eles demonstraram concomitantemente até que ponto as estruturas de identidade e poder podem restringir e conceder posições particulares de privilégio. Um exemplo claro dessas mudanças pode ser visto quando as identidades religiosas dos migrantes os posicionaram como maioria quando viviam em seu país de origem, e ainda assim eles passam a ser vistos e tratados como membros de um grupo marginalizado, minoria alheia em seu país de destino. Esse é frequentemente o caso quando migrantes muçulmanos, budistas ou hindus deixam seus países de origem e são reposicionados como “minorias” quando chegam a países de maioria cristã.

O fato é que frequentemente as identidades raciais, étnicas e regionais têm precedência sobre as identidades religiosas “reais” dos migrantes durante suas interações com os outros (KASSAM, 2016, p. 92). De acordo com o autor, isso ocorre frequentemente quando migrantes cristãos e refugiados do Oriente Médio, por exemplo, são considerados muçulmanos em virtude de suas origens raciais, étnicas, nacionais e/ou regionais. “É importante ressaltar que, se os migrantes se autoidentificam com essas identidades raciais e étnicas, ou se elas são atribuídas por outros, é em muitos considerada inconsequente em situações em que os observadores “leem” e impõem identidade religiosa aos migrantes.” (KASSAM, 2016, p. 94) Na prática, isso muitas vezes significa que a pele e o corpo do migrante se tornam locais de contestação e o migrante se torna alvo de discriminação quando suas características físicas são equiparadas por observadores a uma determinada religião; este é especialmente o caso quando essa religião foi transformada, demonizada ou entendida como exótica por meio de processos históricos e políticos de longa data: a política da “corporificação vivida e imaginada” (KASSAM, 2016, p. 93), onde peles e corpos são muitas vezes lidos e “mal interpretados” de maneiras que muitas vezes têm consequências discriminatórias e até mortais.

Raça e etnia continuam a moldar a política de migração global e, por extensão, a religiosidade dos migrantes. O próprio processo de migração desafia as fronteiras, tanto geográficas quanto conceituais, ao romper as ideologias dominantes, incluindo aquelas relacionadas à secularidade e a tendência da sociedade para religiões não religiosas (WOODHEAD, KAWANAMI E PARTRIDGE, 2009). As migrações resultaram na mistura de

peças e também de suas crenças e práticas. É importante destacar que muitos migrantes cristãos são facilmente acolhidos em sociedades de acolhimento predominantemente cristãs. Mas para aqueles cujas crenças e práticas não combinam tão bem com as de seu novo lar, a relação entre religião e migração é mais delicada. Para muçulmanos e budistas, e aqueles pertencentes a seitas menos conhecidas ou com práticas interpretadas como folclóricas, encaixar-se em uma nova sociedade requer omitir as práticas religiosas de origem - pelo menos em público, e adaptar outras às expectativas e necessidades de novas comunidades na diáspora.

As narrativas religiosas estão, portanto, intimamente relacionadas com experiências de migração e também com uma gama de lentes conceituais que são usadas para analisar processos e experiências de migração, incluindo em particular exílio e diáspora, conforme discutido por Ellen Posman (2016). Já a discussão proposta por Stephen Cherry (2016) articula a religião e a migração através das lentes interconectadas da diáspora e do transnacionalismo, observando a relevância da globalização na compreensão dos fluxos e conexões que populações migrantes se desenvolvem, mantêm e negociam no mundo contemporâneo. Embora reconheça que a religião se tornou um foco para os estudiosos da diáspora apenas recentemente, em seu texto Cherry destaca que “adeptos religiosos, comunidades, ideias e práticas sempre transcenderam fronteiras com fluidez, tornando-os algumas das mais antigas entidades transnacionais existentes” (2016, p. 198). Além de traçar os diferentes significados e usos dos conceitos de exílio, diáspora e transnacionalismo, tanto Posman quanto Cherry exploram a relevância de seus respectivos conceitos comparativamente para entender as experiências de identidade religiosa, prática e política de várias comunidades migrantes através do tempo e do espaço.

Neste sentido, nos importa aqui compreender o poder e a importância da religião na vida dos cidadãos ou exilados e/ou até que ponto a religião moldou (e continua moldando) os debates e políticas governamentais dos países. Isso é particularmente verdadeiro no que diz respeito à migração internacional e ao fluxo de ideias religiosas, práticas, organizações, e movimentos que as pessoas na diáspora estabeleceram por meio de suas várias tradições religiosas. Reconhecendo isso, o tópico a seguir estrutura, partindo de uma contextualização identitária e sócio-histórica, uma narrativa sobre o conflito na Síria, que teve início com a Primavera Árabe e prossegue até a atualidade. Esta contextualização serve aqui como pano de fundo para discutirmos não somente categorias migratórias genéricas, mas para melhor auxiliar o entendimento sobre pessoas, movimentos, religiões e a demanda por novas categorias que ultrapassem as perspectivas já

estabelecidas. Ao fazer isso, esperamos explorar e estender o debate sobre esses processos, ao mesmo tempo em que traçamos novas perspectivas teóricas.

Perspectivas histórico-identitárias: o caso sírio

Quando observamos fenômenos sociais que envolvem a migração, muitas vezes temos uma guerra impulsionando os grandes deslocamentos, fazendo com que a população civil abandone grande parte de seus bens materiais, visando uma rápida e bem-sucedida aceitação em locais apaziguados, evitando assim a ingrata surpresa de não mais conseguirem sair de sua cidade, após o início dos confrontos. Além disso, há o constante risco de a população ser utilizada como “escudo humano”, técnica que foi implementada pelo grupo terrorista Estado Islâmico ao dominarem as cidades de Raqqa na Síria e Mosul no Iraque, nos anos de 2014 a 2017.

A Primavera Árabe foi uma propulsora significativa no processo migratório na Síria (MOMANI, 2014). No entanto, a guerra civil ocorrida nesse país, em conjunto com a invasão de grupos terroristas, fez com que a origem dos grupos que estavam em constante combate fosse questionada, pois a justificativa para o uso da força bélica não era apenas territorial ou sociopolítica, mas religiosa. Portanto, para compreender as motivações dos principais grupos e realizar alguns apontamentos sobre a construção de sua identidade, precisamos voltar, de maneira introdutória e breve, às origens fundacionais e teológicas dos três agentes que mais impulsionaram a migração nesse país, são eles o governo de Bashar al-Assad composto pelo grupo religioso conhecido como alauíta (ALKAN, 2013, p. 36) os rebeldes do *Free Syrian Army* (FSA) composto em sua maioria por sunitas (SLIM, 2012), e por fim, os membros do Estado Islâmico, cujo líder era sunita salafista (MCCANTS, 2015, p.118).

O islamismo surgiu no século VI, através de seu fundador e líder religioso, Muhammad (570-632 d.C.), que segundo o mito fundacional, recebeu uma revelação divina através do anjo Gabriel, que o possibilitou a ler e escrever, produzindo o material conhecido como Corão (IBRAHIM, 2002, p.54), vemos a descrição desse relato no próprio livro (ALCORÃO, 1994, 96:1 ao 5). Os primeiros convertidos foram os familiares de Muhammad, membros da tribo coraixita, no entanto, há uma ampla resistência da população que residia na cidade de Meca, impulsionando os primeiros seguidores para Medina, no ano de 622 d.C., (IBRAHIM, 2002, p.54). Há um repleto material histórico e teológico que envolvem os próximos anos da vida de Muhammad, mas para

fins introdutórios, podemos salientar o crescimento exponencial do grupo e a conquista de muitos territórios através da “*jihad*”, um termo que mais à frente ganha o significado de “guerra santa” para alguns grupos (SANTOS, 2015. p.11).

A morte de Muhammad no ano de 632 d.C., fez com que o processo de sucessão gerasse o primeiro cisma no islamismo. Havia quatro líderes (*califas*) responsáveis pela condução dos féis, no entanto, um deles tinha um nível de parentesco maior com Muhammad, seu genro Ali, que por conta de muitas intrigas foi assassinado. Seus filhos perderam o direito de sucessão, gerando uma revolta e divisão daqueles que consideravam tal ato como uma afronta (BBC, 2020), formando o grupo dos xiitas (Shiat Ali). O outro grupo, que buscava um sucessor que de fato mantivesse o poder através da força, mas que não necessariamente precisasse ter um vínculo sanguíneo com Muhammad, ficou conhecido como os sunitas (SANTOS, 2015. p.13).

O crescimento e as ramificações do islamismo ao longo dos próximos anos tornou-se algo muito significativo, porém, uma análise mais detalhada foge de nosso propósito. Apesar disso, um grupo em questão merece nossa atenção, pois fazem o contraponto dentro da Primavera Árabe na Síria, são eles os alauítas. Esse grupo também segue o Alcorão, mas possuem interpretações diferentes, fazendo com que eles não realizem a peregrinação até Meca, as mulheres não utilizam o véu, eles aceitam o consumo de álcool, acreditam na reencarnação e se apresentam bastante sincréticos, já que celebram tanto as festas muçulmanas como as cristãs, por isso, são considerados hereges tanto pelos xiitas como sunitas (ARAÚJO, 2012).

A última ramificação do islamismo presente nesse confronto é mais conhecida no mundo ocidental pelo nome de Estado Islâmico (WOOD, 2016, p.12). A história desse grupo está atrelada ao seu principal líder, Abu Bakr al-Baghdadi (1971-2019), um acadêmico iraquiano de origem sunita, possuidor de mestrado e doutorado em estudos islâmicos (MCCANTS, 2015, p.188). Em 2000 ele assume a linha de interpretação mais radical dentro do islamismo, conhecida como salafista, que visa interpretar o Alcorão de maneira literal, buscando seus princípios nos feitos de Muhammad e de seus primeiros sucessores (MCCANTS, 2015, p.118).

Baghdadi entra e sobe rapidamente na hierarquia da Al-Qaeda do Iraque, mudando o nome do grupo para o Estado Islâmico do Iraque, assumindo o poder pleno em 2010. Após assumir o poder, há imediatamente muitas divergências com os líderes do antigo grupo, que apoiavam os rebeldes sunitas do FSA, assim como a frente al-Nusra (BBC, 2019). Essas divergências geram a expulsão desse novo braço da Al-Qaeda (MCCANTS, p.11, 2015), pois consideravam os

integrantes do EL muito violentos e radicais. Eles atacavam e matavam pessoas de outros grupos muçulmanos, caso não seguissem a interpretação sunita salafista do Alcorão, além disso, buscavam um califado mundial (WEISS, 2015, p17), algo não tão valorizado por grupos como o Talibã e a Al-Qaeda.

A Síria tornou-se rapidamente um cenário caótico após o início dos protestos impulsionados pela Primavera Árabe em 2011, pois havia no mínimo três grupos em constante batalha por território, fazendo com que a população tivesse a difícil tarefa de unir-se e lutar ou fugir enfrentando condições precárias (MOMANI, 2014). Os alauítas, mesmo sendo uma minoria no país, conquistaram o poder político e bélico a partir do ano de 1960, algo que segundo os sunitas foi imposto de maneira ilegítima, opressiva e anti-islâmica (FILDIS, 2012, p.2), todavia, um alauíta foi eleito presidente em 1971, Hafez al-Assad, pai do atual presidente Bashar al-Assad, fortalecendo o poder desse grupo na política e no exército. Vemos que “a minoria pode dominar a maioria se eles forem politicamente, militarmente ou economicamente superiores” (WEULERSSE, 1940, p.77 apud SANTOS, 2015, p.22)

Enquanto o exército sírio tinha alauítas como os membros mais elevados no poder (ARAÚJO, 2012), a maioria da população era formada por sunitas moderados, fazendo com que a identidade religiosa fosse mais um propulsor do combate. Em março de 2011 há protesto por toda Síria, pedindo a retirada do atual presidente; no entanto, o exército foi autorizado a abrir fogo para dispersar a manifestação, gerando uma revolta ainda maior na população (SLACKMAN, 2011), fazendo com que um grupo formado em sua maioria por sunitas (SLIM, 2012) criassem uma força rebelde e militar, como citamos anteriormente, o *Free Syrian Army*.

Podemos observar que a guerra civil na Síria acentuou ainda as diferenças religiosas e identitárias naquele país, pois nenhum alauíta ficaria abertamente contrário ao governo que o protegia, mesmo se discordasse da política de Assad (COUTINHO e SANTOS, 2022, p.4). Enquanto isso, os membros do FSA possuíam divergências teológicas, mesmo com sua maioria sunita no comando (SLIM, 2012). Tal fato faz com que o Estado Islâmico declare guerra contra os dois grupos em questão, pois os considerados apostatas, visto que eles não seguiam a interpretação salafista do Alcorão (WOOD, 2016, p.8).

No meio desse caos sociopolítico está a população que não pretende lutar por nenhum dos lados, mesmo fazendo parte de algum grupo étnico/religioso. Além disso, há os cristãos e os curdos, que também são inimigos declarados do Estado Islâmico e por serem considerados

“infiéis” podem ser escravizados (WOOD, 2016, p.8). Portanto, vemos que a migração torna-se necessário não somente para fugir das cidades onde há confronto bélico, mas também por conta do temor por retaliações por conta da religião.

Religião e identidade

O conflito sírio é uma das guerras civis mais duradouras das últimas décadas e se tornou uma das principais fontes de instabilidade no Oriente Médio. A relação entre a crise síria e o cenário internacional é uma via de mão dupla: de um lado, os efeitos da crise síria transcendem as fronteiras nacionais, influenciando outros conflitos sectários na região. Por outro lado, rivalidades regionais, movimentos transnacionais e dinâmicas globais exacerbam a crise. O regime sírio foi o primeiro a envolver estrategicamente a dimensão religiosa nas mudanças sociais sírias a partir de 2011, ao lançar a campanha “Não ao sectarismo”. Naquela época ainda não havia nenhuma manifestação materializada de quaisquer disputas de base sectária. O presidente da Síria referiu-se à raiva religiosa “histórica” implicitamente em um de seus primeiros discursos. O sectarismo e a religião foram instrumentalizados para justificar as práticas opressivas do regime de Assad. Pode-se argumentar que o sectarismo sempre existiu na Síria, embora tenha sido silenciado. O argumento contrário também pode ser que essa foi exatamente a razão pela qual o sectarismo se manifestou de forma agressiva e violenta quando a falência do Estado começou a ocorrer. Se o regime sírio não tivesse silenciado as discussões públicas (ZAITER, 2020), os cidadãos sírios teriam um ambiente mais saudável para expressar suas diferentes identidades e dimensões de identidade e refletir melhor sobre quem eles eram. Também pode ser útil lembrar como o regime de Assad foi o primeiro a permitir que forças armadas islâmicas radicais regionais entrassem na Síria por meio de suas afiliações com o Hezbollah e o Irã.

Por décadas, pesquisadores vem discutindo a formação da identidade nacional síria e sua relação com a construção do Estado sírio. Um dos problemas sírios mais difundidos desde a criação do estado pela França é a incongruência entre a “adesão sentida” e a “autoridade do estado”, ou seja, entre a “identificação nacional” e a entidade política (WEDEEN, 1999, p.16 APUD PIRES e ZAHREDDINE, 2021). Do ponto de vista histórico, o processo de construção do estado sírio foi bastante complexo, envolvendo a imposição de fronteiras por um poder mandatário externo à região, que buscava definir as divisões entre os estados com base em critérios geopolíticos que não

refletiam as preferências da maior parte dos partidos políticos da Síria. Isso resultou em um problema de legitimidade das fronteiras estabelecidas. Além disso, a própria concepção de identidade nacional síria era problemática devido à disseminação de inúmeras ideologias nacionalistas que defendiam projetos de Estado bastante diferentes.

Essas duas questões – a incompatibilidade entre identidade nacional e identidade religiosa e a artificialidade do Estado sírio – permeiam inúmeras análises sobre a guerra civil. Alguns autores consideram que a crise reflete uma identidade nacional contestada e problemática. Nos pautamos na discussão proposta por Pires e Zahreddine (2021) que sugerem que este argumento é muitas vezes consequência de uma compreensão superficial dos significados e das características básicas das identidades sociais – especialmente identidades nacionais e religiosas. Os autores se utilizam do argumento de Haddad (2019) para pensar que as identidades não são imutáveis e excluem atributos coletivos. De fato, as sociedades são permeadas por identidades que geralmente se sobrepõem e cujo significado depende do contexto social e político. “Portanto, é crucial entender os mecanismos que dão relevância a uma determinada identidade e seus efeitos na sociedade. Para avaliar a proeminência das identidades sociais em qualquer sociedade, não basta olhar para as ideologias dos principais partidos políticos.” (PIRES e ZAHREDDINE, 2021, p. 4). É fundamental compreender como os indivíduos se relacionam com tais identidades e qual é o seu papel nas diferentes dimensões das relações sociais. É essencial também observar como indivíduos e grupos concebem suas identidades, como enquadram a realidade e como o contexto histórico afeta as identidades e suas relações entre si. “Pois, como argumenta Haddad (2019), a relação entre identidade religiosa e identidade nacional pode ocorrer de diversas formas além de identidades inerentemente opostas.” (PIRES e ZAHREDDINE, 2021, p. 6).

Além da identidade nacional, outra categoria recorrente nas análises da sociedade e política sírias é a identidade religiosa. Pires e Zahreddine (2021) questionam qual a real importância das identidades religiosas na Síria e a relação entre identidade religiosa e identidade nacional. “É importante notar que, embora a identidade confessional não tenha sido o fator mais importante, há evidências na literatura de que ela ganhou destaque para determinados grupos nos anos anteriores à crise de 2011 (Pierret, 2013).” (PIRES e ZAHREDDINE, 2021, p. 15).

Pires e Zahreddine (2021) apontam que anteriormente, a Síria vivia tensões sectárias, especialmente no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, envolvendo confrontos entre o governo e os movimentos islâmicos. Apesar de ter conquistado uma vitória inquestionável sobre

os islâmicos, após o massacre de Hama em 1982, o governo de Hafez al-Assad adotou gradualmente alguns símbolos religiosos. Com isso, o governo buscava apaziguar, junto com outras formas de cooptação, alguns setores mais conservadores da classe média sunita. Para muitos sunitas da época, principalmente os de famílias tradicionais, o regime era visto como sectário e hostil à religião (RABO, 2012, p.131 apud PIRES E ZAHREDDINE, 2021, p. 03).

Encerramos esta sessão reiterando a percepção de Pires e Zahreddine (2021) sobre a importância da religião como marcador social dos diferentes grupos. Conforme os autores, é possível observar que, ao contrário da identidade nacional, a importância da identidade religiosa varia significativamente entre os participantes. Ou seja, não é um elemento igualmente distribuído entre todas as classes, grupos e indivíduos. “O que torna a situação ainda mais complexa é o fato de ser, ao mesmo tempo, um marcador identitário muito importante para alguns e um marcador insignificante para outros” (PIRES e ZAHREDDINE, 2021, p. 16). Em outras palavras, ao mesmo tempo, a religião é uma categoria muito menos importante do que a nação para alguns sírios. Para outros, tem uma importância semelhante. Isso significa que a identidade religiosa é importante, mas não é uma condição distribuída uniformemente entre os participantes. A proeminência da identidade religiosa não é um atributo de um determinado grupo religioso. “Além disso, outra tendência é que a identidade religiosa e nacional não é mutuamente exclusiva. A proeminência da identidade religiosa não é necessariamente acompanhada por uma atitude mais negativa em relação à identidade nacional” (PIRES e ZAHREDDINE, 2021, p. 16).

Considerações finais

A complexa cena descrita até aqui impacta profundamente não somente elaborações identitárias e religiosas, mas também os movimentos migratórios em si. De acordo com o *Syrian Arab Republic: 2021 Needs and Response Summary*, publicado em fevereiro de 2021, há cerca de 13.4 milhões de migrantes/refugiados necessitando de algum suporte humanitário provenientes das cidades sírias. Esse número abrange mais de 55 por cento da população pré-guerra da Síria. Estimativas oficiais apontam que 6.7 milhões são migrantes/refugiados internacionais, enquanto 6.36 milhões são deslocados internos que ainda residem na Síria e 0.32 são pessoas que retornaram ao país recentemente. Além disso, há uma série de fatores que dificultam a categorização dessas pessoas. Conforme ressaltamos anteriormente, a Síria é um país complexo, pois sua população não

possui uma única etnia ou religião. Portanto, para que uma pessoa retorne para sua cidade de origem seria necessário que tal área fosse dominada pelo grupo que aquela pessoa pertence ou pelo menos aceita uma convivência pacífica.

Os deslocamentos internos foram, no entanto, para milhões de sírios, apenas uma etapa inicial do processo de migração; para muitos o processo evoluiu na emigração do país. Essas emigrações geraram várias categorias diferentes de migrantes - formais e informais. Valenta (2020, p. 157) sugere que é possível distinguir entre refugiados sírios, requerentes de asilo, migrantes forçados, migrantes em trânsito, migrantes presos, menores desacompanhados, migrantes irregulares, migrantes mistos, migrantes naturalizados, trabalhadores migrantes, empresários, investidores e estudantes. Além disso, afirma o autor, essa lista é apenas parcial e muitas das categorias não são mutuamente exclusivas nem tampouco estáticas.

Outro aspecto que vale ser mencionado diz respeito às múltiplas categorias atribuídas aos refugiados nos países anfitriões. O tipo de alojamento que lhes é fornecido, a trajetória durante o processo migratório, o status formal e tipo de residência, os direitos sociais que acessam e sua posição socioeconômica na sociedade receptora são exemplos de categorização – que aqui, vale dizer, nos importa a reflexão pois podem ajudar a estimular novos status de migrantes relevantes para os padrões de migração síria no período pós-guerra.

Uma outra distinção útil e que também nos serve como um recurso didático para a análise do fenômeno proposto pode ser feita com relação aos tipos de padrões de proteção e recepção. Por um lado, muitos sírios recebem proteção permanente e amplos direitos sociais. Isso inclui refugiados que foram reassentados por meio do programa oficial do ACNUR e aqueles que receberam o status de refugiado permanente na Europa Ocidental. Outros, porém, desfrutam apenas de um acesso muito escasso a serviços básicos e possuem apenas direito de residência temporária. Dentro deste último grupo está a grande maioria dos refugiados nos estados vizinhos da Síria: Turquia, Líbano e Jordânia. Esses estados, que são os três principais receptores de sírios, oferecem apenas proteção temporária aos refugiados. Na percepção de Valenta (2020, p. 160), os padrões de recepção são geralmente bastante deficientes, o que contribui para este processo de trânsito e migrações fragmentadas.

Vale aqui ressaltar que, independente da categoria migratória, todos aqueles inseridos em um fluxo misto estão sob risco de sofrerem os mesmos perigos e violações de direitos humanos no curso de suas movimentações. Silva, Bógus e Silva (2017) alertam que isso ocorre, especialmente,

em um cenário como o atual, em que as formas de mobilidade passam por um processo de mudança, “no qual se observa, cada vez mais, o aumento dos movimentos frequentes e de curta duração, em substituição aos tradicionais movimentos de longa duração e episódicos” (2017, p. 20). Vivencia-se o período da hipermobilidade (IORIO & PEIXOTO, 2011) e do aumento de fluxos mistos, e a intensa mobilidade do capital e da força de trabalho, favorece a dispersão espacial da produção e “gerando espaços de desemprego, pobreza e emigração (SASSEN, 1988), aos quais também se somam os que fogem de conflitos e perseguições.” (SILVA, BÓGUS E SILVA 2017, p. 21).

Por fim, reiteramos o argumento de Pires e Zahreddine (2021) de que a proeminência das identidades pode mudar ao longo do tempo e pode mudar de acordo com o contexto em que ocorrem as relações sociais. Os autores argumentam que a fluidez das identidades pode ser melhor captada por uma abordagem que englobe processos históricos e fenômenos sociais e políticos que induzem o aumento da importância de determinadas identidades. Embora as identidades não sejam as causas de tensões ou conflitos, elas desempenharam um papel no processo de mobilização e contestação política. A crescente importância das identidades religiosas tornou-as um importante fator de mobilização social” (PIRES e ZAHREDDINE, 2021, p. 16). As evidências apontam que a identidade nacional síria parece bem estabelecida para a maioria dos sírios, e a proeminência da identidade religiosa não parece implicar uma diminuição da importância da identidade nacional.

Referências

ALCORÃO SAGRADO. Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu, 1994.

ALKAN, Necati. Divide and rule: the creation of the alawi state after World War I. Goethe-Institut - Fikrun wa Fann, November, 2013.

ARAÚJO, Cecília. Alauítas: a minoria síria que mata por temer ser aniquilada. Veja. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/mundo/alauitas-a-minoria-siria-que-mata-por-temer-ser-aniquilada>

BBC. Quem era Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico morto por forças americanas. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-50200967>

BBC. As diferenças entre sunitas e xiitas, que explicam boa parte dos conflitos no Oriente Médio. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51068470>

CHERRY, S. Exploring the Contours of Transnational Religious Spaces and Networks. In SAUNDERS, J., FIDDIAN-QASMIYEH, E. e SNYDER, S. (eds). *Intersections of Religion and Migration: Issues at the Global Crossroads*. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

CONNOR, P. *Immigrant Faith: patterns of immigrant religion in the United States, Canada and Western Europe*. New York: New York University Press, 2014.

COUTINHO, Suzana R. Perspectivas teóricas sobre mobilidade e religião. REVER, São Paulo, v. 22/n. 1. 2022.

COUTINHO, S. R., & SANTOS, J. E. Migração e Conflito Sírio: A Narrativa por Trás da Imagem. *Vista*, (9), e022002, 2022.

DE GENOVA, N. (ed). *The Borders of “Europe”: Autonomy of Migration, Tactics of Bordering*. Durham: Duke University Press, 2017.

ECKSTEIN, S. e NAJAM, A. *How Immigrants Impact Their Homelands*. Durham: Duke University Press, 2013.

FILDIS, Ayse Tekdal. Roots of Alawite-Sunni Rivalry in Syria. *Middle East Policy Council*. 19(2) 2012.

GAMMELTOFT-HANSEN, T. e VEDSTED-HANSEN, J. (eds.). *Human Rights and the Dark Side of Globalisation: Transnational Law Enforcement and Migration Control*. London: Routledge, 2017.

GLICK- SCHILLER, N., Global perspective on transnational migration: Theorising migration without methodological nationalism. In: FAIST, T. e BAUBÖCK, R. *Diaspora and transnationalism: theories, concepts, methods*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2010.

HADDAD, F. ‘Sectarian identity and national identity in the Middle East’, *Nations and Nationalism*, 26(1), 2019.

IBRAHIM, I.A. Algumas Crenças Islâmicas Básicas. IN: IBRAHIM, I.A. *Um breve guia ilustrado para compreender o Islã*. Houston: Darussalam. 2002.

IORIO, J.; PEIXOTO, J. Crise, imigração e mercado de trabalho em Portugal: retorno, regulação ou resistência. Lisboa: Princípia, 2011.

KASSAM, Z. The Challenges of Migration and the Construction of Religious Identities: The Case of Muslims in America. In SAUNDERS, J., FIDDIAN-QASMIYEH, E. e SNYDER, S. (eds). *Intersections of Religion and Migration: Issues at the Global Crossroads*. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

LEVITT, Peggy. *God Needs No Passport: Immigrants and the Changing American Religious Landscape*. New York: The New Press, 2007.

MCCANTS, F. W. *The Isis Apocalypse: The History, Strategy, and Doomsday Vision of the Islamic State*. Picador USA, 2015.

MOMANI, B. *The Arab Spring is genuine revolution, but a bumpy and arduous road ahead* [Comunicação]. The Institute for New Economic Thinking and the Centre for International Governance Innovation (CIGI) Annual Meeting, Toronto, Canadá (april, 10-12, 2014).

NAWYN, Stephanie J. *Religion and the Protection and Integration of Syrian Refugees in Turkey*. Berkley Center for Religion, Peace & World Affairs, 2019. Disponível em: <https://berkeleycenter.georgetown.edu/responses/religion-and-the-protection-and-integration-of-syrian-refugees-in-turkey>

NOWRASTEH, Alex. *Who Are the Syrian Refugees? Their religion, age, gender, and more*. Cato Institute, 2015. Disponível em: <https://www.cato.org/publications/commentary/who-are-syrian-refugees#:~:text=About%2096%20percent%20of%20the,Muslim%20than%20the%20global%20average.>

PIERRET, T. 'Sunni Islamists: from Syria to the Umma, and back'. In M. Cimino (eds.), *Syria: Borders, Boundaries, and the State*. Palgrave Macmillan, 2020.

POSMAN, E. *Home and Away: Exile and Diaspora as Religious Concepts*. In SAUNDERS, J., FIDDIAN-QASMIYEH, E. e SNYDER, S. (eds). *Intersections of Religion and Migration: Issues at the Global Crossroads*. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

RABO, A. 'Conviviality and Conflict in Contemporary Aleppo'. In A. N. Longva; A. S. Roald (eds.), *Religious Minorities in the Middle East: domination, self-empowerment, accommodation*. Leiden: Brill, 2012.

SANTOS, J. E. *O Caminho Religioso na Primavera Árabe Síria*. BTBooks, 2015.

SASSEN, S. *The mobility of labor and capital*. Cambridge: University Press, 1988.

SAUNDERS, J., FIDDIAN-QASMIYEH, E. e SNYDER, S. (eds). *Intersections of Religion and Migration: Issues at the Global Crossroads*. New York: Palgrave MacMillan, 2016.

SLIM, R. *Unite Syria's opposition first*. MEI@75, 2012. Disponível em: <https://www.mei.edu/publications/unite-syrias-opposition-first>

SILVA, J.C.J. et al. *Os fluxos migratórios mistos e os entraves à proteção aos refugiados*. R. bras. Est. Pop., Belo Horizonte, v.34, n.1, p.15-30, jan./abr, 2017.

SLACKMAN, M. *Syrian troops open fire on protesters in several cities*. The New York Times, 2011. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2011/03/26/world/middleeast/26syria.html>

VALENTA, M., Jo Jakobsen, Drago Župarić-Iljić, Hariz Halilovich, Syrian Refugee Migration, Transitions in Migrant Statuses and Future Scenarios of Syrian Mobility. *Refugee Survey Quarterly*, Volume 39, Issue 2, June 2020.

WOOD, G. A. Guerra do Fim dos Tempos. Companhia das Letras. 2016.

WEULERSSE, Jacques. Le pays des Alaouites. Arrault, v1. 1940.

WEISS, Michael. Estado Islâmico – Desvendando o Exército do Terror. Seoman, 2015.

WOODHEAD, L., KAWANAMI, H AND PARTRIDGE, C. (eds). Religions in the Modern World: Traditions and Transformations. London: Routledge, 2009.

YUCESAHIN, M. e PINAR, Y. (eds). Revisiting Gender and Migration. London: Transnational Press, 2017.

ZAITER, B.. Syria: The war of constructing identities in the digital space and the power of discursive practices. Conflict Research Program/London School of Economics, 2020.